

Como é ser um analista? Transformações no contexto da relação analítica¹

**Bucci P., Câmara M.L., Cerami F., Fantozzi S.,
Lo Basso S., Panza A., Picconi C., Romanini
M., Romano F., Rossi G., Roma²**

RESUMO: “Como é ser um analista?” é o interrogativo que gostaríamos de investigar neste trabalho. Para favorecer este processo de experiência de si no analisando, o principal instrumento do analista, dentro do contexto da Relação Analítica, consiste na sua capacidade de dirigir-se e prestar ouvidos continuamente àquilo que nele desperta o dizer e o manifestar-se do analisando, e de transformá-lo em uma proposta que possa lhe formular como hipótese, e que o analisando deverá aceitar, recusar ou transformar. Referimo-nos, com a palavra transformação, à capacidade de escuta e metabolização das próprias sensações, emoções e percepções, tendo, como pano de fundo, os próprios conhecimentos teóricos e empíricos, que o analista deve saber transformar em uma proposta plausível que favoreça, no analisando, percepção, escuta, curiosidade em relação a si mesmo e à sua própria maneira de se dispor. Pode ser útil não permitir que nossa mente fique confundida pela historicidade da relação analítica, e possa escutar o que está acontecendo em nós mesmos, ao desenvolver nossa função de analistas. Referimo-nos aqui à possibilidade de inaugurar a questão do “sem memória e sem desejo”, à qual alude Bion: não se trata, com efeito, de tirar, não é um sem memória e um sem desejo, mas um

1. Esta contribuição foi traduzida para o português pela Professora Stefania Buonamassa.

2. Esta contribuição representa o resultado de um trabalho de investigação e discussão em grupo dos associados ao Instituto Psicanalítico de Formação e Pesquisa “A.B. Ferrari”, de Roma. O assunto continua sendo objeto de estudo e discussão neste grupo de trabalho.

máximo de presença, aqui e agora. Porque, quando dizemos “sem” seguido de um substantivo, estamos retirando; ao contrário, o que é preciso (e, afinal, era isso que Bion queria dizer), é o máximo da presença, no momento específico da sessão. “A capacidade de lembrar o que disse o paciente deve ir lado a lado com a capacidade de esquecer, de forma que cada sessão seja uma nova sessão, isto é, uma situação desconhecida, a ser investigada psicanaliticamente”. (Bion W.R., 1962)³. Por isso, pensamos que a função da relação analítica seja, em definitivo, aquela de iniciar processos de transformação, isto é, de pensamento, iniciar essa função vital. Porque, frequentemente, em nossos analisandos, assistimos a vidas travadas, em que a tentativa de evitar ou contornar o sofrimento só faz produzir mais sofrimento, até paralisar quase totalmente o movimento criativo do viver e do pensar. Com esta forma de proceder, o analista não pode não levar em conta valores, teorias e crenças que lhe pertencem, mas que deve gerir de maneira a que não atrapalhem: deve poder usá-los como instrumentos para investigar mais, sem que se tornem o assunto a ser tratado com o analisando. Não há que discutir com ele suas ideias políticas, religiosas etc. O interessante, não é tanto o conteúdo que o analisando traz, mas a função desenvolvida por aquele modo que o analisando tem de entrar em relação consigo e com o mundo, e a forma que assume. Estamos nos referindo a uma perspectiva processual, dinâmica, embasada numa modalidade recursiva de pensamento, como a obra de Escher, por exemplo: a mão que desenha a outra.

PALAVRAS-CHAVE: relação analítica, romance analítico, transformação, experimentar, apreender a pensar.

“A mente humana pode ser considerada um sistema complexo de funções, capaz de registrar e dar significado ao contínuo fluir dos estímulos sensoriais gerados pela interação com o mundo interno e externo, e de transformar a si mesmo através desta elaboração”⁴ A.B.Ferrari (Ferrari, 1992)

“Como é ser um morcego?”, perguntava T. Nagel. “Como é ser um

3. Tradução livre.

4. Tradução livre.

homo sapiens?”, perguntava E. Garroni, afirmando que talvez o *homo sapiens*, provido de consciência de si, poderia razoavelmente se formular esse questionamento. “Como é ser um analista?” é o interrogativo que gostaríamos de investigar neste trabalho.

A Relação Analítica constitui-se através do movimento duplo do retornar para si mesmo do analista e do ir em direção a si mesmo do analisando: supõe-se que a maior parte do sofrimento do analisando coincida com a sensação de ter-se perdido e que a função do analista consista em criar um contexto de experiência dentro do qual o analisando possa, progressivamente, conhecer o que já está em si, mas que ainda desconhece que sabe. Este processo é definido como *ir em direção a si mesmo*: a relação analítica pode favorecer seu ir em direção a si mesmo, em direção ao conhecimento e à experiência de si.

Para favorecer este processo de experiência de si no analisando, o principal instrumento do analista, dentro do contexto da Relação Analítica, consiste na sua capacidade de dirigir-se e prestar ouvidos continuamente àquilo que nele desperta o dizer e o manifestar-se do analisando, e de *transformá-lo* em uma proposta que possa lhe formular como hipótese, e que o analisando deverá aceitar, recusar ou transformar. Este movimento processual é definido como o *retornar para si mesmo do analista*. Portanto, um retornar que não implica retornar para aspectos de si já conhecidos por parte do analista, mas retornar continuamente a si mesmo e em si mesmo, no desdobrar-se do diálogo com o analisando (Ferrari, 1982).

Referimo-nos, com a palavra *transformação*, à capacidade de escuta e metabolização das próprias sensações, emoções e percepções, tendo, como pano de fundo, os próprios conhecimentos teóricos e empíricos, que o analista deve saber *transformar* em uma proposta plausível que favoreça, no analisando, percepção, escuta, curiosidade em relação a si mesmo e à sua própria maneira de se dispor. Proposta plausível, no sentido do estar próxima de como o analisando está expressando, de acordo com suas possibilidades, no contexto do diálogo analítico.

É um transformar que ocorre na dimensão vertical do analista, a partir

de emoções e pensamentos, de forma a propor um pensamento que em seguida transforma em uma proposta: outra perspectiva, distinta daquela do analisando. O processo que estamos descrevendo acontece de dentro para fora, em resposta a um estímulo que, de fora, por assim dizer, “toca” o analista e é utilizado por este para refletir, mas não é algo que “entre no analista” ou que “o paciente lhe coloque dentro”.

Cabe ao analisando, em seguida, aceitar a nova perspectiva, desenvolvê-la dentro de si, ou recusá-la ou, ainda, transformá-la.

Esta forma de proceder, portanto, não tem a finalidade de *mudar* o outro, mas de ajudá-lo a desbloquear pontos cegos de seu sistema e a ativar em si mesmo *processos* vitais e transformadores.

A mesma atividade de pensamento é considerada por nós um processo transformador de sensações, emoções, percepções, que pressionam de dentro do sistema indivíduo em busca de *correspondências significativas* (Ferrari,2004).

No desdobrar-se desta sua função, que progressivamente vai se refinando, o analista está, por sua vez, imergido em um processo transformador através do qual suas capacidades de atenção e sua sensibilidade aumentam, e consegue sintonizar-se com a área psíquica em que, momento após momento, supõe-se que o analisando se encontre.

Por exemplo, um analista percebe certa perturbação após uma observação de um analisando, que colhe uma incoerente contradição entre algumas de suas afirmações, relativas à importância de saber observar a si mesmos, e o contexto analítico por ele proposto. De fato, na sala há um equipamento destinado à gravação de vídeos, que não está em funcionamento durante as sessões, e isso é evidente, mas é utilizado exclusivamente em ocasião de aulas teóricas com grupos de psicoterapeutas em formação.

“Mas, se a auto-observação é tão importante, pode me explicar por que se serve deste equipamento? Se deve ajudar as pessoas a ver-se por si só, não faz sentido que justamente o analista utilize um equipamento para ver as pessoas!”

E o analista sente-se atingido, perturbado, enquanto, ao mesmo tempo,

procura interrogar-se, o que se traduz em um bloqueio transitório do processo analítico, até que o analista consegue resolver o empasse, modificando a sala a cada sessão, com este analisando.

Graças a este artifício, consegue reativar sua capacidade de atenção e pensamento, sem desconstruí-lo, e ameniza a angústia paranoide do analisando, que assim consegue deixar de inspecionar minuciosamente o ambiente, como fizera até então. A situação continua assim, até que certo dia o analista esquece de modificar a sala em ocasião da sessão com o analisando, mas este não sentiu mais a necessidade de controlar ambiente, nem sequer percebeu que não tinha ocorrido mudança.

Resolvendo suas angústias paranoides, o analisando conseguiu libertar-se de sua lógica de controle e, ao mesmo tempo, o analista encontrou uma maneira de transformar seu sentir, lançando mão de uma solução prática e criativa para sair de uma lógica que aprisiona. A relação analítica, assim, pôde continuar.

Parte essencial do processo transformador do analista, naturalmente, é sua capacidade de estabelecer se e quando formular sua proposta, constituindo, dentro de si, um espaço apto a focalizar e elaborar o que percebe na relação com o analisando. Uma espécie de câmara de descompressão na dimensão vertical, entre si e si mesmo, em que transforma, digere, diríamos até elabora o que está percebendo e pensando, lançando mão da própria experiência de si e dos seus conhecimentos, e transformando isso em uma proposta a ser apresentada ao analisando.

Este responderá algo, ou algo acontecerá: nem sempre obtemos uma resposta organizada em nível verbal, mas dá-se algo, pode se dar algo. Dá-se o silêncio, dá-se o choro, dá-se uma forma de irritação, uma alteração do semblante. Coisas acontecem. E, se acontecerem, o analista pode, a seu critério, utilizar este acontecimento, esta resposta. Utiliza novamente o que percebe em relação a esses acontecimentos, para formular uma nova proposta. Todavia, para poder propor, deve, mais uma vez, transformar o que sente em algo que possa ser proposto.

Evidentemente, neste proceder, a subjetividade do analista em relação

a cada analisando tem um papel importante; o que um analista sente quase certamente nunca será o mesmo que outro analista ou outro ainda poderiam sentir. O que se torna significativo para um, pode não sê-lo para outro: cada um responde com base na própria especificidade àquilo que está ocorrendo na sala de análise. É tudo que temos, e só temos isso.

Ao formular sua proposição analítica, o analista não pode deixar de pensar em sua própria vida, como agente, como pessoa, como analista, que tem uma função específica. A de elaborar com o outro de si, o analisando, a própria vida. Há o paciente, com sua vida; há o analista, com sua vida; e há o campo da relação analítica, da transformação. O analista pode ser atingido, alcançado emocionalmente pelo analisando porque está dentro de um contexto relacional.

Nosso patrimônio de conhecimentos teóricos, pessoais, empíricos, nosso mundo permanece, claro, mas não no primeiro plano, e constitui o pano de fundo sobre o qual articulam-se as percepções e as emoções do analista: entram em jogo a partir daquilo que o analista percebe de si mesmo e procura transformar em uma proposição analítica, mas é importante que isso não seja considerado, pelo analista, aprioristicamente, como algo que ele conhece e que o analisando ignora. Não consideramos a Relação Analítica como uma relação de poder de um sobre outro. Cada um dos participantes só pode servir-se daquilo que já existe dentro de si, no desdobramento do processo de análise.

Ferrari definiu tudo isso como *Romance Analítico*, válido para aquela relação com aquele analisando, e não transferível a outra relação, com outro analisando. O romance analítico aqui é tão privado e pessoal que não permite generalizações. Com o tempo, vai se construindo algo que poderíamos denominar códigos, os “códigos de transição” dos quais nos fala Ferrari (Ferrari, Garroni, E., 1987), mas é necessário prestar atenção para que aquele código que construímos com o paciente não se torne um código estereotipado, incapaz de transmitir significados. É no acreditar saber desde logo o que entende o analisando, por exemplo, por “satanás” ou por “a vozinha” etc., que está o perigo, como acontece com todos

os códigos: que se torne um código isolado, não mais representativo de significados. Portanto, a cada vez, é útil não considerar este dizer como já definido, mas perguntar ao analisando ao que está se referindo, e assim poderíamos obter novos significados por aquilo que, à primeira vista, dir-se-ia ser o mesmo código, já definido anteriormente. Seria a mesma coisa que dizer: “Minha mãe”, “Qual mãe?; “Meu amor”, “Qual amor? O que é o amor, para você?”; “Meu ódio”, “O que quer dizer, para você, odiar?”. E, analogamente, pode-se perguntar: o que entende? De qual “satanás” está falando? Ao que está se referindo hoje, no contexto específico desta sessão? Senão o diálogo perde significado, perde sua função de ativador de uma nova experiência emocional e de pensamento: dir-se-ia que estaria se falando por *sinais de fumaça*. Então, para evitar esse risco, o analista pode tomar a liberdade de dizer: “Perdão, mas de qual satanás está falando, o que quer dizer com isso?”

Pode ser útil não permitir que nossa mente fique confundida pela historicidade da relação analítica, e considerar que, em certo sentido, o analista nunca encontrou aquele analisando, como se aquele dizer sobre “satanás” nunca tivesse se manifestado antes. E, nesse ponto, temos que prestar atenção a nós mesmos.

Referimo-nos aqui à possibilidade de inaugurar a questão do “sem memória e sem desejo” à qual alude Bion: não se trata, com efeito, de tirar, não é um *sem* memória e um *sem* desejo, mas um máximo de *presença*, aqui e agora. Porque, quando dizemos “sem” seguido de um substantivo, estamos retirando; ao contrário, o que é preciso (e, afinal, era isso que Bion queria dizer), é o máximo da presença, no momento específico da sessão.

A capacidade de lembrar o que disse o paciente deve ir lado a lado com a capacidade de esquecer, de forma que cada sessão seja uma nova sessão, isto é, uma situação desconhecida, a ser investigada psicanaliticamente. (Bion, 1962)⁵.

5. Tradução livre.

Aqui, lembrar e esquecer não entram em contraposição como reciprocamente exclusivos, mas considerados como momentos distintos de um percurso único. E isso vale para ambos os participantes da relação analítica. Portanto, o analisando pode encontrar algum suporte no recordar, entendido como encontrar conexões e ligações, e também no esquecer, entendido como deixar cair certas conexões que se tornam relações de causa-efeito demasiadamente rígidas e consequenciais. Esquecê-las não no sentido de apagá-las ou condená-las como falsas ou patológicas, ou como erradas, embora o êxito possa ser disfuncional, mas relativizá-las como uma das possíveis configurações. O mesmo vale para o analista que, ao deixar-se saturar por todos os modelos que aprendeu, corre o risco de reconhecer no analisando só aquilo que já sabe.⁶ Então, se eu estou presente, posso perguntar: mas do que está falando? Por que corre? Ao que está se referindo, agora? Consideramos importante que o analista encontre uma maneira para deter-se no significado que aquele dizer, aparentemente já definido, assume, hoje.

Diversamente, corremos o risco de cairmos vítimas de nossa própria linguagem, e o paciente deverá esconder-se nessas dobras, e não se manifestar a si mesmo.

“Todo indivíduo é, ao mesmo tempo, o beneficiário e a vítima da tradição linguística na qual nasceu; é beneficiário, porque a linguagem lhe dá acesso às lembranças acumuladas da experiência de outrem; é vítima, ao confirmá-lo na convicção que a ciência reduzida seja a única ciência, e porque instiga seu sentido da realidade, de maneira tal que ele está até demasiadamente pronto a considerar seus conceitos como se fossem dados, suas palavras como se fossem coisas reais” (Huxley, 1980)⁷.

6. Neste sentido, poderíamos dizer que a abstenção fenomenológica do julgamento e a capacidade negativa de Bion procedem lado a lado.

7. NdT: No Brasil, a obra foi publicada com o título *As portas da percepção*.

Pode-se então gerar o paradoxo que a linguagem, por mais que seja co-construída entre analista e analisando, se não se renovar, poderia também desenvolver uma função protetora em relação ao receio do par analítico de *tentar ir além*, ou sondar ainda rumo ao desconhecido, e neste sentido poderia ser apaziguador acreditar que: “já vimos isso”, já conhecemos...”, mas assim estaríamos aniquilando a possibilidade de sentir, para o analista e para o analisando, o novo que está sendo gerado, naquele momento. Desta forma, se perderia a possibilidade daquele ato criativo que ocorre no romance, que tende a algo ainda não conhecido e que pode gerar novos significados.

Com efeito, com a metáfora do romance analítico entende-se que analista e analisando acedam ao encontro cada um com um mundo próprio, mundo de experiências, de emoções, de teorias de significados de qualquer coisa, cada um com o seu, mas, no momento em que se encontram, cada um é desconhecido ao outro. Portanto, o encontro é como uma página branca, é como a primeira página sobre a qual começar a escrever (Ferrari, Garroni, 1979).

Podemos considerar a dimensão temporal da relação analítica em sentido diacrônico e sincrônico. É um processo diacrônico aquele que começou no marco zero, no encontro entre esses dois mundos: inaugura-se algo completamente novo, que os dois atores constroem juntos. Começam a construir um dia e prosseguem por certo tempo. Este é o aspecto histórico do romance e o romance termina quando o escritor não tem mais nada a dizer. Analogamente, uma relação termina quando não há mais nada a dizer, não necessariamente quando o paciente “sarou”, ou encontrou uma solução ou como quando, em um romance policial, o culpado - a causa do mal-estar - é identificado. Nada disso: termina quando terminar o interesse em dizer ou narrar, e daqui nasce o paralelismo com o romance. Mas podemos também afirmar que cada capítulo apresenta a mesma questão e assim, comparando capítulos e sessões, a cada sessão ocorre a mesma coisa: analista e analisando encontram-se, desconhecidos a si mesmos, e quanto mais conseguem se encontrar, um desconhecido ao outro, tanto

mais podem criar o aqui e agora daquele momento, daquela sessão, daquela relação.

Isso poderia constituir a expansão da questão do código que estávamos formulando ainda há pouco: a importância de evitar o risco de servir-se de um código linguístico que, utilizado no primeiro dia, chegando ao décimo dia poderia não ser mais útil. Neste sentido, cabe destacar a atenção e a capacidade, talvez também a coragem, de abandonar aquele código para construir outro e podê-lo pelo menos transformar com base nas modalidades com que vem se escrevendo a história entre os dois participantes da relação analítica: sempre nova, mesmo não sendo nova, porque está presente, em todo caso, uma dimensão temporal diacrônica, que vai de um ponto de início a um ponto de conclusão. Entretanto, a relação analítica não é exatamente algo que se desdobra partindo de um início, percorre um durante, chega a um fim: o tempo desta relação não é identificável exatamente neste sentido, justamente por ser feito de instantes, de pontos, e cada ponto contribui a um desdobramento, certamente, mas é também um desdobramento em si.

Ao enfrentar a questão do uso do tempo na relação analítica, é emblemático o que ocorre nas situações em que o analisando está, por exemplo, acometido por uma doença degenerativa, em fase terminal (lembramos que Ferrari se refere a essas situações clínicas definindo-as “Que só têm amanhã”). Aqui é, mais do que nunca, necessário trabalhar de forma a considerar cada sessão como sendo a última, fechada e concluída em si, porque não sabemos se teremos outra possibilidade (Ferrari, A.B., 2004).

Talvez isso seja sempre verdadeiro, não apenas com pacientes que tenham somente amanhã: não temos garantia alguma que amanhã o analisando voltará, portanto cabe a nós usar ao máximo possível o tempo que temos naquela hora. Claro, se houver uma segunda sessão, uma terceira, por mais que possamos evitar utilizar aquilo que já conhecemos, é verdade que já conhecemos, que uma parte de experiência já está presente. Poder deixar de lado o conhecido, na hora do novo encontro, permite que o analista perceba, observe, ouça o novo que está vindo à tona no aqui e agora,

para depois deixar que emergja algo já presente na experiência, mas evocado por quanto está acontecendo no aqui e agora, no momento presente.

É neste sentido amplo e articulado que nos referimos à função transformadora do analista e da relação analítica. Função transformadora que implica também a escolha de uma linguagem *ad hoc*. Assim, a atenção do analista é dirigida à maneira de por, a qual linguagem, a quais palavras utilizar: não é questão de explicar ou de metacomunicação. Na maioria das vezes, a atenção é dirigida ao poder criar um contexto de experiência e, por isso, as palavras têm som, cor, cheiro... Tocam, alisam, distanciam... abraçam, afastam, aproximam. E, através deste dizer que vai se articulando no diálogo com o analisando, vai-se construindo, em cada específica relação analítica, um específico modo de se expressar, de conversar, específicos códigos comunicativos, pragmáticos.

Às vezes, em alguns momentos, pode-se até decidir não dizer: em seu processo de escuta e transformação, o analista pode resolver calar, não dizer nada, ceder espaço. E isso está relacionado à forma com a qual percebe o que está acontecendo e a como lhe parece mais oportuno agir: é sempre sua subjetividade que está em jogo. “É caminhando que se cumpre o caminho”.

O trabalho analítico é um processo inferencial e criativo, em que a linguagem que os participantes utilizam para auto representar-se e para apresentar-se, mas não para explicar, reveste um papel importante. Tudo aquilo que acontece na relação é objeto de interesse. A proposta do analista deve ter certo grau de pertinência em relação àquilo que o analisando traz, embora distinta nos conteúdos. Em nosso dizer, há algo pertinente àquilo que o analisando traz e diz. A capacidade do analista depende somente de sua experiência ou também de suas invariantes?

Estamos falando de condições que permitem organizar uma experiência: uma experiência de si mesmo, de como se dispõe em relação a si e de como a pessoa tende a construir os fatos. Este modo é uma invariante: o processo que conduz as pessoas a pensarem seus próprios pensamentos.

“Vamos supor que um pintor veja uma vereda em um campo de papoulas e a pinte: em uma das extremidades da cadeia de eventos está o campo de papoulas, na outra uma tela com algumas cores distribuídas em sua superfície. Se reconhecermos que esta última representa o campo inicial, deveríamos supor que, apesar das diferenças entre um campo de papoulas e uma tela, apesar da transformação que o artista realizou naquilo que viu para que assumisse a forma de um quadro, algo ficou inalterado e o reconhecimento depende deste ‘algo’. Definirei invariantes os elementos que constituem aquilo que, na transformação, permanece inalterado.” (Bion, 1973)⁸.

Cabe ao analista a responsabilidade de decidir o que tematizar; é traçar uma área de funcionalidade do analisando, pois nunca poderemos saber o que ele está “sentindo”. O que podemos fazer é tentar acompanhar a área psíquica em que está acontecendo o “fato” psíquico (a dor, a angústia, a felicidade). Um “código *ad hoc*” que tem a ver com aquilo que pode ser sustentável no analisando e, assim, tornar-se experiência para ele. Desta forma, ele pode descobrir até quanto, para ele mesmo, possa distanciar-se daquela posição rígida, que imaginemos ser a fonte, na maioria das vezes, do sofrimento.

Assim, é necessário que aconteçam processos transformadores na dimensão vertical do analista, para que possa desenvolver uma função transformadora no contexto de uma relação analítica. O lugar primário em que acontece a *função transformadora* é dentro do analista. Estamos nos referindo a uma *função*, e não a comportamentos ou estruturas. Estamos falando em função. Logo, há uma maneira minha de perceber o outro, isto é, perceber o que o outro traz, o som da voz, a forma com que fala, a maneira com que se expressa.

Por exemplo, o sentimento inicial de antipatia por parte do analista para seu analisando poderia desencadear uma queda de braços com ele, que se

8. Tradução livre.

coloca como uma pessoa que tudo sabe, mostrando uma modalidade desafiadora e onipotente. O que pode fazer o analista com esta antipatia? Não pode desencadear com o analisando uma discussão, claro que não! Aquela modalidade não deixa de ser expressão de um sofrimento. É preciso que, antes de tudo, o analista se disponha a aprender com humildade a partir da experiência e que se disponibilize à escuta. Só então pode tecer hipóteses e imaginar que aquela maneira de se dispor possa ser funcional no sistema do analisando. Este é um primeiro pensamento. O analisando lhe desperta antipatia, mas não pode responder à antipatia por esta pessoa que sentencia com empáfia sobre qualquer assunto e qualquer argumentação do próprio analista.

O analista procura dispor-se em uma modalidade que não seja complementar ou antitética, mas construtiva e orientada a identificar qual seria o tipo de mal-estar, de sofrimento psíquico que sustenta aquela postura que, à primeira vista, pode só despertar antipatia. Ele pode inaugurar esta maneira de se dispor através da possibilidade de elaborar, dentro de si, seu próprio sentimento perturbador: abrindo espaço dentro de si, mediante sua capacidade de refletir sobre aquilo que está lhe acontecendo, diminui o sentimento de saturação.

Ao perceber que esta operação está tendo êxito positivo, o analista pode retornar ao analisando, pode voltar a dirigir-se a ele à medida que consegue filtrar, dentro de si e amenizando-o, o sentimento de antipatia: desta forma, ganha tempo e espaço para formular uma proposta que permita ao analisando refletir sobre aquilo que está mostrando no decorrer da sessão e sobre a função de sua maneira de se dispor. Propõe-lhe então considerar que, talvez, ele não confie em si mesmo e portanto compense aquele sentimento de inadequação com uma atitude de quem “é o dono da verdade”, de quem tudo sabe mas, na verdade, não sabe nada e talvez seja justamente por este *não saber* que esteja tão angustiado.

Ao conseguir realizar este processo de elaboração transformadora dentro de si, o analista agora se dispõe à verificação de sua hipótese, e ver se tem uma correspondência; o analisando parece emocionado e admite:

“...Pois é, eu nunca confiei em mim mesmo, sou bastante inseguro”. Como se fosse algo óbvio. Agora, o sentimento de antipatia sumiu e o analista consegue supor que aquela insegurança da qual o analisando fala, inclusive a respeito da relação com os outros, afunde suas raízes em uma profunda falta de confiança em si mesmo; tão profunda que não consegue tolerar tudo quanto existe de incerto em nossa existência.

Isto poderia constituir um exemplo daquilo que denominamos processo de transformação no analista, o seu *retornar para si mesmo* no qual utiliza a impressão de antipatia experimentada para “uma pessoa que tudo sabe” e serve-se disso, lançando-a na mesa de forma plausível, através de uma proposta hipotética, para depois observar o que tudo isso produz dentro da relação analítica. O analista não pode senão utilizar o que sente e que integra suas competências e experiências, bem como seus conhecimentos teóricos.

Ao procurar definir o que entendemos quando falamos em *transformação*, poderíamos pensar em duas acepções, entre as outras, desta expressão, que estão em posições opostas: uma é a transformação alquímica, com a qual é possível, por exemplo, transformar o chumbo em ouro. A outra é a transformação que tem a ver com a entropia, na qual ocorre um fluir de coisas *em determinada direção*, que segue a seta do tempo. Trata-se de dois domínios lógicos bastante distintos entre si... Com a palavra *transformação* referimo-nos à maneira com que o analista e o analisando movem as coisas dentro de si mesmos, e não ao modificar determinados elementos em algo diferente.

É frequente que um analisando se dirija a nós, pedindo para “ajudá-lo a mudar”. É útil acolher o sofrimento que permeia este pedido, mas também propor que, de fato, não se trata de mudar, porque está bem como está, mas é o caso de se perguntar o que gostaria de modificar em sua maneira de viver e se dispor, se está interessado em conhecer e descobrir o que é, os instrumentos que já possui, mesmo sem o saber, suas potencialidades ainda não utilizadas.

De fato, acreditamos que nas situações críticas e de passagem que a

própria vida nos põe, se prestarmos atenção podemos descobrir aspectos de nós mesmos até então desconhecidos e ignorados. Em definitivo, é isso que se transforma em cada um de nós: a possibilidade de ter acesso a modalidades, aspectos, mundos já potencialmente presentes em nosso sistema, mas dos quais não tínhamos ciência, e o contexto da relação analítica pode encerrar, neste sentido, um elevado potencial transformador.

Gostaríamos de salientar mais uma vez que o processo de transformação que ocorre no analista, no contexto da relação com o analisando, gera em seguida um mais amplo processo de transformação, sempre no analista, através da relação com o analisando, no sentido que não pode mais voltar a ser o que era antes que a relação naquela sessão e naquele processo analítico acontecesse: não pode ser idêntico ao que era antes.

Através de todas estas considerações, pretendemos abrir e articular aquele processo definido como o *retornar para si mesmo do analista* (Ferrari, 1982). Com esta maneira de se dispor, o analista desenvolve e articula sua capacidade de auto-escuta, de auto-observação, sua capacidade de diálogo consigo mesmo e com o outro, não apenas no contexto da relação analítica mas, em geral, no viver. Poderíamos, talvez, afirmar que esta função transformadora nunca para de trabalhar, no analista. Poderia parecer óbvio que é a consciência deste proceder que faz a diferença entre a condição do analista e a do analisando.

Se existe esta capacidade de iniciar o diálogo dentro de cada um dos participantes da relação analítica, considerando que é justamente isso que é transformador, o diálogo a cuja construção cada um contribui em parte, podemos então afirmar que também no analista inicia um processo que poderíamos definir de *aprender a pensar*: é necessário ter a coragem de ir em direção ao novo, isto é, ao desconhecido. Se o analista não estiver disposto a isso, tampouco o analisando poderá mover-se dentro daquela relação. Ou a relação se interrompe.

Aprender a pensar implica, mais uma vez, entrar em um processo de transformação porque é necessário partir daquilo que percebemos e sentimos para transformá-lo em um pensamento. Está claro: isso *não ocorre por*

decisão preestabelecida, mas acontece! Quando pode acontecer, acontece. Este processo acontece, portanto o pensar tem a ver com o sentir e com o perceber e é o ponto de chegada e de início de uma transformação que está acontecendo dentro da dimensão vertical.

Podemos dizer que, em alguns casos, nos dispomos a ajudar um analisando a aprender a pensar; nestas situações, estamos simplesmente trabalhando com ele sobre as modalidades das quais dispõe para filtrar sua emotividade, de maneira a não ser saturado por ela e poder, ao contrário, servir-se dela. Às vezes, este trabalho assume a forma e a modalidade de uma intervenção de cunho pedagógico, sim, mas sempre com base em um princípio maiêutico, assim que, em todo caso, não se perca nunca a possibilidade de favorecer no analisando a possibilidade de conhecer e aprender com a própria experiência. Em outras palavras, é necessário, às vezes, mostrar-lhe como pensa, como se dispõe, como trata a si mesmo, com o fito de dirigir-se para o que sente. E ajudá-lo a diferenciar sensação, percepção, pensamento, teorias, preconceitos etc... Quando o analisando chegar a ter consciência disso, poderemos afirmar que a intensidade emocional já está se reduzindo e está começando o processo do pensar. Isto é ensinar a pensar a outro de mim. Mas deveríamos ser capazes de fazer a mesma coisa conosco, continuamente. Portanto, não há nada já dado, já pronto ou pensado. Não há pensamentos pensados. O pensar é um processo criativo, que acontece quando acontece, e em função das possibilidades de não haver saturação por emoções e percepções em relação a acontecimentos internos ou externos.

Os processos transformadores podem ser contínuos, mas nem sempre chegam a transformar-se em pensamentos. Com certeza, poderíamos afirmar que os processos vitais são transformadores em sentido geral e o problema é que, amiúde, a mente não tolera este contínuo terremoto que é a vida e assim tenta travar: o corpo vai para frente, na tentativa constante de transformar a entropia em neguentropia, mas a mente tende a exercer um freio. Por isso, pensamos que a função da relação analítica seja a de iniciar processos de transformação, isto é, de pensamento, iniciar essa

função vital. Porque, frequentemente, em nossos analisandos, assistimos a vidas travadas, em que a tentativa de evitar ou contornar o sofrimento só faz produzir mais sofrimento, até paralisar quase totalmente o movimento criativo do viver e do pensar.

Às vezes, é difícil aceitar o fato, até mesmo óbvio, que existe entropia porque existe neguentropia e vice-versa; que a dor existe porque há o prazer e vice-versa; que o amor e o ódio, a vida e a morte etc. são, na verdade, binômios incindíveis. Não é simples contemplar continuamente os opostos e contê-los no próprio pensamento. Frequentemente, tendemos a simplificar e escolher um polo ou outro e, ao fazer isso, chegamos ao bloqueio dos processos vitais e de pensamento.

Continuamente, perdemos nosso centro, e continuamente o procuramos. Quando temos a impressão de tê-lo encontrado, o perdemos novamente. É deste movimento que nasce o pensar. Trata-se de processos dinâmicos. E é justamente este o processo do perceber: a percepção é sempre delimitada por um *determinado*, que é assim na medida em que há um indeterminado ao redor. Podemos perceber algo porque, por diferença, ressalta em comparação com outra coisa, presente ao mesmo tempo.

O tema de como ocorre o processo perceptivo, sobre o qual, como dissemos, baseia-se também a função do analista dentro da relação analítica, merece, ao nosso ver, ser desdobrado em sua complexidade, e talvez não seja este o contexto mais adequado.

O que, entretanto, queremos evidenciar aqui é que o emergir de uma perspectiva meramente descritiva da relação analítica e o poder entrar na dimensão pessoal expressando a maneira com que o analista pensa durante o encontro com o paciente, pode dar acesso ao processo e à função transformadora. Então, talvez, mais do que aprender a pensar poderíamos falar em poder, pelo menos, cada um manifestar sua específica modalidade de ser e de se dispor: cada um deve poder pensar do seu próprio jeito.

É importante deter-se sobre como nos colocamos, na construção da realidade: se nos situamos em um universo determinista, que podemos prever, ou em um universo probabilista, em que a dimensão processual

caracteriza o que vamos observando. Frequentemente, nos encontraremos diante de quem propõe *modelos para eliminar* os fatos e quem propõe *métodos para encontrar* os fatos. Quem tem métodos para encontrar a realidade, considera que as coisas que encontra se transformem e estuda *de que forma* encontrar a realidade, porque, se a *encontrarmos*, a realidade se transforma em maneira não predeterminada. É aquilo que procuramos expressar: o que diz a si mesmo um analista enquanto procura encontrar o analisando. É o *como* encontrar. No exemplo que fizemos, prevalece no analista um sentimento de antipatia. Esta percepção, que pode aprisionar, deve poder ser *encontrada* dentro de si e *transformada* para torná-la utilizável na relação analítica. Isto significa desenvolver uma investigação em primeira pessoa. Capacidade de auto-observação, de autorreflexividade e de se autodescrever são competências que o analista deveria treinar, se deseja colocar-se em uma dimensão processual.

Por outro lado, há quem não esteja disposto a dedicar este tipo de atenção a si mesmo e prefere adotar procedimentos. Deve-se dizer que até nos procedimentos acontece algo; mas se os aplicamos mecanicamente, a possibilidade de proceder no próprio campo de pesquisa falha e criam-se as condições para não superar os limites que os mesmos procedimentos implicam.

A relação analítica deve poder permitir, a seus participantes, dirigir-se ao novo. A atitude de saber que existe o novo deve estar presente antes mesmo de encontrar o analisando, de forma que o analista esteja predisposto a processos criativos e a não se deixar aprisionar por teorias e pontos de vista pré-concebidos.

Um analisando, que se queixa de escassa memória, pede ao analista uma caneta para fazer anotações... O analista dá-lhe uma de suas canetas. Durante o encontro, emergem aspectos fusionais que caracterizam o sistema do analisando, que confundem ou eliminam a percepção das fronteiras, assim que não há distinção entre o que pertence a ele e o que pertence aos outros. Então, o analista lhe confirma aquilo que o analisando refere a respeito de si na relação com os outros, convidando-o a observar o

que está fazendo com a caneta que lhe emprestou: passa-a no cabelo, põe na boca, coça a cabeça, durante a sessão, como se fosse sua própria caneta. Pede-lhe portanto de guardar a caneta, levá-la e não devolvê-la.

O uso que o analisando estava fazendo da caneta incomodou o analista que, porém, transformou dentro de si aquele incômodo em um assunto concreto, finalizado a instigar no analisando uma possibilidade de observar a si mesmo. O incômodo foi utilizado e transformado em algo mais plausível e funcional à relação analítica.

Em nosso *encontrar*, portanto, na processualidade do devir, abrimos e nos abrimos a novas possibilidades. Trata-se de um trabalho pioneiro, porque nos dispomos a encontrar o novo, exatamente como fazem os exploradores. Com esta forma de proceder, o analista não pode não levar em conta valores, teorias e crenças que lhe pertencem, mas que deve gerir de maneira a que não atrapalhem: deve poder usá-los como instrumentos para investigar mais, sem que se tornem o assunto a ser tratado com o analisando. Não há que discutir com ele sobre suas ideias políticas, religiosas etc. O interessante, não é tanto o conteúdo que o analisando traz, mas a função desenvolvida por aquele modo que o analisando tem de entrar em relação consigo e com o mundo, e a forma que assume.

Finalmente, estamos nos referindo a uma perspectiva processual, dinâmica, embasada numa modalidade recursiva de pensamento, como a obra de Escher, por exemplo: a mão que desenha a outra

TRANSFORMATIONS INTO THE ANALIST IN THE ANALITIC RELATION'S CONTEXT

ABSTRACT : “What does it feel like to be an analyst?” That’s the question we would like to raise in this contribution. In order to promote the process of self-experience to the analysand, within the context of the Analytical Relationship, the main tool of the analyst consists of his ability to constantly address and listen to what the analysand has to say or has to show and turn it a proposal, a hypothesis to present to him and eventually leave it up to him to accept, refuse or commute. With the term *transformation* we refer to the ability to listen to and metabolize one’s feelings, emotions and perceptions. Within his own theoretical and experiential knowledge, the analyst needs to know how to turn this into a plausible proposal in order to support his analysand’s perception, listening and curiosity towards himself and his way to put himself put there. It may be useful not to allow our minds to be confused by the historicity of the analytical relationship, and to be able to listen to what is happening in ourselves, in developing our role as analysts. We’re taking the chance of bringing up the matter “no memory and no desire” to which Bion refers: it’s not about taking something away, such as memory or desire, but really a maximum of presence Here and Now. When we say “without something” we’re expressing the action of taking away, while in fact what we need to do is to maximize our presence in that specific

moment of the session with our analysand (and this is what Bion ultimately intended). The ability to remember what the patient said must go hand in hand with the ability to forget, so that each session is a new session, that is, an unknown situation, to be psychoanalytically investigated “ (Bion W.R., 1962). For this reason, we think that the function of the analytical relationship is ultimately to initiate the transformative process, and therefore of the Thought itself. It’s about starting this vital function, because we often look at our analysands when they feel blocked in their lives, in which the attempt to avoid or bypass the suffering, only produces more of it, to the point of almost entirely paralyzing the creative movement both of living and thinking. With this method the analyst cannot stop believing in his own values and theories but he needs to make sure they don’t get in the way of his work: he must be able to use them as a research tool without have them interfering or even becoming the topic of the session with the patient. For instance, there’s no need to deal with topics as politics or religion because the content the patient brings up is not as important as to see how the patient relates to himself and to the way and the form that this takes. In conclusion, we refer to a procedural and dynamic perspective which rests on a recursive mode of the Thought, as in Escher’s work, the hand that draws the other.

KEYWORDS: analytical relationship, analytical novel, transformation, learning to think, experiment.

COMO ES SER UN PSICOANALISTA? TRANSFORMACIONES EN EL CONTEXTO DE LA RELACIÓN ANALÍTICA

RESUMEN: “Como es ser un psicoanalista?” es la pregunta que nos gustaría plantear en este trabajo. Para favorecer este proceso de autoexperiencia en el analizando, la herramienta principal del analista, dentro del contexto de la Relación Analítica, consiste en su capacidad para abordar y escuchar continuamente lo que el analizando dice y provoca en él, y trasformarlo en una propuesta para presentarle como una hipótesis, que corresponde al analizando aceptar, rechazar, transformar. Con el término *transformación* nos referimos a la capacidad de escuchar y metabolizar sus propias sensaciones, emociones y percepciones, en el contexto del conocimiento teórico y experiencial, que el analista debe ser capaz de transformar en una propuesta plausible que favorezca en el analizado la percepción, la escucha y la curiosidad sobre sí mismo y su propia manera de disponer de sí. Puede ser útil no dar lugar a que nuestra mente se nuble con la historicidad de la relación analítica, y dirigir nuestra atención a lo que sucede en nosotros mismos en la función de analistas. Nos referimos aquí a la posibilidad de abrir la cuestión de “sin memoria y sin deseo” a la que alude Bion: en realidad, no se trata de quitar, no es sin memoria y sin deseo, sino un máximo de presencia Aquí y Ahora, porque cuando decimos “sin algo” estamos eliminando, mientras que por el contrario, lo que se necesita y es lo que Bion finalmente quería decir, es la máxima presencia, en el momento específico de la sesión. “La capacidad de recordar lo que dijo el paciente debe ir de la mano con la capacidad de olvidar, de modo que cada sesión sea una sesión nueva, es decir, una situación desconocida, para ser investigada psicoanalíticamente” (Bion W.R., 1962). Por esta razón, pensamos que la función de la relación analítica es, en última instancia, iniciar procesos transformadores y, por lo tanto, del pensamiento: decir, pensar, iniciar esta función vital. Porque a menudo ayudamos a nuestros analizandos con vidas bloqueadas, en las que el intento de evitar o eludir el sufrimiento no hace más que producir otro, hasta paralizar casi por completo el movimiento creativo de vivir y pensar. Con esta forma de proceder, el analista no puede dejar de tener en cuenta valores, teorías y creencias que le pertenecen, pero que debe gestionar de tal manera que no se interpongan en su camino: debe ser capaz de utilizarlos como instrumentos para su investigación, sin convertirse en un tema a tratar con el analizando. No es necesario discutir con él sobre sus ideas políticas, religiosas, etc. Lo interesante no es tanto el contenido que aporta el analizando, sino la función desarrollada de esa manera en que el analizando entra en relación consigo mismo y con la manera y la forma que toma. En definitiva, nos referimos a una perspectiva procedimental y dinámica, basada en un modo de pensar recursivo, como la obra de Escher, por ejemplo: la mano que dibuja la otra.

PALABRAS CLAVE: relación analítica, romance analítico, transformación, experimentar, aprender a pensar.

REFERÊNCIAS

Bion R. W. (1973) *Trasformazioni*, Armando, Roma.

Bion R. W. (2010) *Attenzione e Interpretazione*, Armando Editore, Ronciglione (VT)

- Ferrari A.B., Garroni E. (1979), Schema di un progetto per uno studio della relazione analitica, In *Rivista di Psicoanalisi*, 25,2.
- Ferrari A.B., Garroni E. La narrazione originaria. La temporalità nella relazione analitica e nel racconto, in AA. VV., *Psicoanalisi e narrazione*, Ancona, Il Lavoro Editoriale.
- Ferrari A.B. Stella A. (2000), *Aurora do Pensamento*, Casa do Psicologo, Sao Paulo
- Ferrari A.B. (1982) Relação analítica: sistema ou processo? In *Rev. Brasil. Psicanal.*, 16, 3: 335-363.
- Ferrari A.B. (1986), La proposizione analitica, In AA.VV. L'interpretazione psicoanalitica, Bulzoni, Roma.
- Ferrari A.B. (1995) *O eclipse do corpo. Uma hipótese psicanalítica*, Imago, Rio de janeiro.
- Ferrari A.B. (2004) *Vida e Tempo*, Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Huxley A. (1980), *Le porte della percezione*, Mondadori Milano.